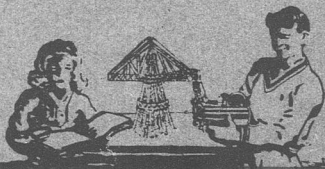


ANO VI 15 DE OUTUBRO DE 1932 N. 74

REVISTA
DO
ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL
DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO



BELO-HORIZONTE - EST. DE MINAS GERAIS -

ANO VI 15 DE OUTUBRO DE 1932 N. 74

REVISTA
DO
ENSINO

REVISTA DO ENSINO

ASSINATURA

ANO 1932
SEMESTRE

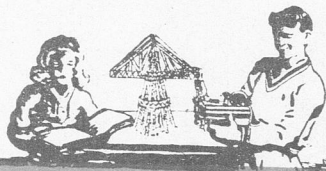
19309
19306

NUMERO AVULSO: 1500

A venda nas lojas Franco-Alves e Morais

Os pedidos devem ser enviados à: Inspetoria Geral de Instrução, na
Secretaria de Educação e Ensino Público, Belo Horizonte

ÓRGÃO OFICIAL
DA
INSPEÇÃO GERAL DA INSTRUÇÃO



BELO-HORIZONTE-EST. DE MINAS-GERAIS-

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO OFICIAL DA INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

SUMARIO

A NOSSA REVISTA — Redação.

© SONO DAS CRIANÇAS —
Mme Helena Antipoff.

A VIDA DE JESUS E O EN-
SINO DO CATECISMO — D.
Maria Luiza de Almeida
Cunha.

A ESTRUTURA PSÍQUICA DO
SONHO E A MENTALIDADE
DE INFANTIL — Teobaldo
de Miranda Santos.

NOSSA EXPERIENCIA — Reda-
ção.

NOTICIARIO — Redação.

N.º 210

Data 20-10-77

BIBLIOTECA

REVISTA DO ENSINO

ASSINATURA

ANO 18\$000
SEMESTRE 9\$000

NUMERO AVULSO, 18\$500

A venda nas Livrarias Francisco Alves e Morais
Os pedidos devem ser enviados à Inspectoria Geral da
Instrução, na Secretaria da Educação e Saúde
Pública, Belo-Horizonte

A NOSSA REVISTA

Com este numero, a Revista do Ensino inicia uma nova fase, passando a circular duas vezes por mês.

Essa medida, de incalculável alcance no seio do professorado, foi determinada pela imperiosa necessidade de dar maior e mais ampla divulgação aos assuntos pedagogicos que mais de perto se relacionam com a reforma do ensino.

O nosso programa é, essencialmente, o de torná-la um instrumento eficaz de cultura e de difusão dos novos metodos, modos e processos de ensino, de fôrma a levar, a todos os recantos de Minas, os principios que hão de reger as nossas escolas.

Dai o proposito de publicar, preferentemente, traba-

lhos sobre metodologia, disciplina escolar, atividades extra-curriculum, e, numa palavra, tudo o que contribua para o crescente aperfeiçoamento do professor e desenvolvimento do aluno.

As características desta nova fase ir-se-ão, com o tempo, acentuando e definindo.

Para o exito desta tentativa, espera-se a contribuição do professorado, que deverá mandar relatos de suas observações, sumula de pesquisas e inqueritos, planos de aulas, etc., tudo destinado a esclarecer os problemas reais da escola mineira.

Animada de um novo vigor e de uma nova vida, a Revista procurará preencher cabalmente os seus altos fins educativos e culturais.

O SONO DA CRIANÇA

(ALGUMAS PALAVRAS DIRIGIDAS AOS PAIS POR INTERMEDIO DOS MESTRES, POR HELENA ANTIPOFF)

Observando o passatempo das crianças em grande numero de familias daqui, percebe-se que elle decorre, pela maior parte, livremente, sem horarios determinados, mais ao sabor das circunstancias de que seguindo certas regras de conduta. A criança brinca, trabalha, corre e dorme quando entende conforme os seus interesses momentaneos ou o seu humor.

A liberdade é um estado proprio de cada ser vivo. Sabemos que a privação da vida produz no homem, como no animal, a diminuição da vitalidade, e o constrangimento desenvolve frequentemente a opposição e o espirito hostil. Mas a vida deixada ao azar, sem regras e sem ordem, uma vida sem ritmo e sem um certo numero de automatismos indispensaveis, equivale a um desperdício consideravel das forças; crêa uma agitação superflua, á procura de adaptações sempre novas, e um nervosismo pernicioso.

Dentre as inumeras atividades, duas — a alimentação e o sono — precisam ser dirigidas com muito cuidado, afim de garantir ao individuo o desenvolvimento das suas forças, a sua saúde e o rendimento maximo do seu trabalho. Quando se trata de crianças, isto é, de seres em pleno crescimento, exigindo, este ultimo, do organismo, esforços imensos, o controle deve ser do maior rigor.

Os pais envidarão, pois, diligencia especial em fornecer á criança uma alimentação sadia, fresca, racionalmente preparada e administrada a horas certas, afim de garantir uma digestão normal e a melhor assimilação possivel. E' desta base alimentar que a criança retirará as calorias necessarias ás multiplas despesas exigidas pelo seu crescimento corporal e por toda a sua conduta.

E' indispensavel, igualmente, normalizar o sono e dar á criança o repouso necessario, porquanto o seu papel na economia da vida é de suma importancia: elle serve de agente de proteção e, regulando ao mesmo tempo o equilibrio entre as despesas e as receitas do organismo, assegura á criança não só a saúde, mas tambem o crescimento.

Consagraremos as linhas que se vão ler á exposição de alguns fatos relativos ao sono da criança e indicaremos algumas regras cuja applicação, supomos, será da maior utilidade para ella.

Horario do sono — Quantas horas por dia deve dormir a criança? Eis a primeira questão que vamos abordar. Quantas horas dormimos nós, os adultos? A dar credito á sabedoria popular, o nosso sono occupa a terça parte da nossa vida. A regra dos *tres oito* (oito horas de trabalho, oito horas de recreio, oito horas de sono) eis o que parece constituir uma vida harmoniosa e feliz.

Se consultamos a Ciencia, esta, longe de contradizer o empirismo, fornece quasi os mesmos dados: os dois inqueritos feitos, um por Mr. Benton, dos Estados-Unidos, e outro por Netschaleff, psicologo russo — e nos quais os investigadores observaram e registaram minuciosamente, um durante dois anos, e outro, durante quinze semanas, a sua propria atividade — mostram, com efeito, que, para serem capazes de produzir um trabalho intelectual de 7 a 8 horas por dia, elles necessitariam, pelo menos, de 56 horas de sono por semana.

Em se tratando de crianças, a vida destas obedece a outras regras, e em cada periodo da infancia verificamos que as diferentes formas de atividade se acham em proporções especiais.

Assim vejamos no recém-nascido um quadro bem tipico: toda a vida se reduz, em suma, ao sono, entrecortado por breves intervalos de vigilia, consagrados á ingestão de alimentos e aos cuidados higienicos. Em vinte e quatro horas, o recém-nascido vêa cerca de tres horas, ao todo, porque elle dorme mais de vinte.

Com o crescimento, a sua vida se complica, e as horas do sono diminuem regularmente: aos 3 meses, a criança não dorme mais de 19 horas; aos 6 meses, 14; na idade de um ano, 13 horas e meia, e, aos 4 anos, dom pequerrucho reparte já o tempo entre o sono e a vigilia, de maneira equitativa, pois que 12 horas de sono por dia lhe bastam. (1)

Geralmente nessa idade a criança dorme só uma vez por dia, não tendo, ao que parece, necessidade do sono diurno. Nesta fase da vida os seus momentos de vigilia são ainda pouco diferenciados: a criança, por assim dizer, não conhece as obrigações, e a sua atividade fóra das refeições e dos exercicios higienicos é regulada por suas proprias tendencias e necessidades.

A criança é relativamente livre: galopa, marcha, salta ou se estira, tagarela ou fica quieta; maneja qualquer coisa ou olha e escuta conforme seus interesses; estende ou rela-

(1) Ch. Buhler *Kindheitun Jugend* (Leipzig, 1928).

xa a sua atividade conforme suas necessidades e as reservas físicas disponíveis a cada momento.

Pelos 6 a 7 anos opera-se na vida da criança uma mudança repentina: das duas horas de vigília a escola vai tomar-lhe (e isso de um dia para outro) 4 ou 5 de ocupação obrigatória. Terminou a idade de ouro. A escola vai impor-lhe, doravante, os deveres e o trabalho.

Vemos, portanto, que as forças da criança não irão apenas até à construção do seu ser físico e ao seu desenvolvimento espontâneo, mas deverão ainda fazer face a novas exigências que, infelizmente, não são sempre reguladas de acôrdo com as suas forças e as suas necessidades. E' então que os pais devem ficar mais atentos do que nunca, velando por todas as funções fisiológicas da criança e, em primeiro lugar, pelo sono delas. O escolar novato, dele terá grande necessidade nesse momento de adaptação a um novo ambiente, a um novo genero de vida, a uma nova sociedade e a uma atividade não raro superior a suas forças.

Quantas horas dorme a criança em idade escolar? E' o que varias pesquisas junto às crianças ou a seus pais, na Europa ou nos Estados-Unidos da America do Norte, procuram conhecer. Nos dois inqueritos, um de Terman e Hocking, e outro de melle, Fouilloux, verificamos, nas duas pesquisas, que o numero de horas por idade é aproximadamente o mesmo, com esta diferença: que as crianças de Genebra dormem, em média, meia hora menos do que os jovens americanos do norte.

Procurando saber se os meninos e as meninas, nas mesmas idades, têm a mesma necessidade do sono, não achamos uma resposta bem definida, porque os inqueritos de Hayashi, de uma parte, e os de Heerwagen, de outra, estão em desacôrdo. (1) Pode ser que não exista diferença muito notavel nem constante. Seria, entretanto, interessante esclarecer esse ponto.

Nos países setentrionais, a necessidade de dormir parece estar sob a influencia das estações e da temperatura atmosferica: no inverno, os escolares dormem mais do que no verão. Seria extremamente interessante saber qual é a duração media do sono nas crianças brasileiras. E são os mestres e os pais que poderão bem contribuir para essa informação, respondendo ao questionario da Escola de Aperfeiçoamento de Belo-Horizonte, junto a este artigo.

(1) Vide Claparède — "Le sommeil et la vieillesse" — Journal de Psychologie Normale et Pathologique — Paris.

O numero de horas assinalado pelos inqueritos indicam apenas a duração comum, mas isso não quer ainda dizer que essa duração seja normal, isto é, a que corresponde á real necessidade da criança. Como diz o dr. Claparède em seus trabalhos a respeito do sono (1) "é provavel que esses algarismos exprimam os *mínima*". Isso é tanto mais provavel quanto é certo que só a metade das crianças, do inquerito de melle, Fouilloux, e os tres quartos do outro já citado, acordam espontaneamente. As outras dormiriam, pois, mais, se os pais não as acordassem.

Terman e Hocking (2) nos dão ainda interessantes indicações comparando o sono das crianças normais e os das anormais. As crianças anormais dormem, em média, menos horas do que as normais no período escolar de 6 a 13 anos. Depois, na adolescencia, são, pelo contrario, os normais que parecem ter menor necessidade de dormir do que os retardados de todos os graus. Nos primeiros, a duração diminui regularmente com a idade, ao passo que nos anormais a curva do sono não tem absolutamente essa regularidade e tambem a crise da puberdade parece repercutir muito mais no sono, porque nesta ocasião o numero de horas aumenta repentinamente, atingindo de novo ao tempo de sono das crianças de 6 anos.

A comparação do sono dos normais e dos anormais é bem instrutiva: o sono nos aparece, pois, como um sintoma de certo estado mental, a não ser que seja, ao mesmo tempo, uma das multiplas causas da deficiência intelectual. Oxalá os pais que tiverem conhecimento desta relação cuidem quanto antes de aumentar o sono de seus filhos, se estes dormem insufficientemente.

A que horas devem deitar-se as crianças? A resposta pôde ser relativa, isto é, depende da hora em que a criança é obrigada a despertar, mas a resposta tem igualmente um caráter absoluto. Antecipando os resultados do inquerito brasileiro e utilizando-nos das normas *mínima* mencionadas abaixo, resumiremos num quadro o horario de sono para as crianças das diferentes idades.

A primeira coluna á esquerda contém as idades; a segunda mostra a hora em que a criança de tal idade deve deitar-se á noite para despertar ás 6 da manhã (hora do despertar necessario para as crianças que têm de apresentar-se á

(1) Op. cit.

(2) Op. cit.

escola às 7 horas); a terceira coluna, as horas em que as crianças devem deitar-se para despertarem às 7 horas; enfim, a ultima, para as que podem ficar na cama até às 8 horas.

Muitos pais se surpreenderão provavelmente ao verificarem a diferença entre o horário do sono, tal como êle é representado nesse quadro e o que é praticado por seus filhos. Muitas vezes nós mesmos ficamos impressionados ao notar os escolares, que eram vistos tarde na vespera, aparecerem sem atraso nas primeiras aulas. Também notamos, mas com menos admiração, que esses dorminhocos retardatarios comparecem às aulas muito tarde. O segundo caso é um caso de indisciplina contra a ordem escolar. O primeiro nos parece mais grave ainda, porque é uma infração seria contra a ordem da propria natureza da criança e uma falta contra a saúde.

A criança que se deita demasiado tarde e se levanta cedo rouba ao seu organismo o tempo necessario ao repouso para as funções sensoriais, motrizes, intellectuais e afetivas e diminue, assim, a duração das funções propriamente vegetativas consagradas á construção dos tecidos.

A criança que dorme pouco, aumenta menos de tamanho e de peso; torna-se mofina, é menos protegida contra as intempéries e os microbios. Mas, prejudicando o seu organismo, essa mesma criança mal dormida prepara mal o seu dia de trabalho. Ao invés de ser atenta, alerta ás lições, não fará sinão bocejar e encostar-se, debruçar-se nas carteiras, sem poder convenientemente prestar atenção ás lições, sem poder fazer bem os seus exercicios; o texto da leitura parecerá obscuro á sua vista como á sua compreensão; sua escrita será tremula, sem firmeza, e sua ortografia, inçada de faltas de atenção; o calculo mental disso se ressentirá igualmente, e as operações se tornarão mais lentas do que nas crianças que dormem quanto basta. Para verificar a exatidão dessas observações, queiram os pais experimentar em si proprios uma tarde em que tenham de executar um trabalho intellectual e em que lutem contra a invasão do sono.

A criança que comparece cedo á escola sem ter dormido o necessario acha-se nesse mesmo estado: luta, e sem exito, contra a necessidade devoradora de continuar o sono interrompido antes da hora.

Se, apesar do pouco sono a criança, pela sua força de vontade demasiado precoce, triunfar da falta de sono e se desvencilhar vitoriosamente das exigencias da escola, ela so-

frerá mais tarde com isso por uma fadiga sistematica e um grave esgotamento nervoso.

Alexandre Netschaieff, como já vimos, fez em si proprio muitas e pacientes observações, nas quais pôs em evidencia a relação intima que existia entre as horas de sono, a duração dos exercicios fisicos e o numero de horas de trabalho intellectual rendoso. Verifico, após muitos mēses de observação, que para obter uma qualidade melhor de trabalho intellectual devia elevar a taxa de seu sono e que devia dormir 58 horas, em vez de 56 horas por semana, para aumentar de 4 horas a quantidade de seu trabalho intenso e produtivo. Ao contrario, diminuindo as horas de sono, êle com isso obtinha menor capacidade de trabalho e era obrigado ou a reduzir a duração do trabalho produtivo ou a diminuir-lhe a qualidade. (Cousa analoga Netschaieff encontrou fazendo variar as horas dos exercicios fisicos. Da mesma forma que para o sono, êle encontrou durações mais ou menos propicias para a quantidade e a qualidade do trabalho mental).

Se no adulto cultivado essas relações entre o sono e a atividade da vigilia são tão intimas, nas crianças devem ser ainda mais nitidas, porque, como já vimos, as necessidades da criança são mais imperiosas, e as exigencias, mais profundas.

A criança que falta ás primeiras aulas, porque as passa na cama, não peca apenas contra a disciplina e os seus deveres: incorre ainda em falta contra a sua saúde. As horas diurnas e soalheiras são bem mais aproveitaveis para a saúde e para o crescimento da criança do que as horas noturnas, mais umidas e privadas dos raios ultravioletas da luz solar, tão importante para a boa assimilação das substancias alimentares e para a transformação destas em energias.

As primeiras horas da manhã são certamente muito mais vivificantes do que as horas negras depois do ocaso.

Cumpra, pois, que os pais velem seriamente pelo horario do sono das crianças, porque aí encontrarão uma fonte de diversas perturbações, se esse horario não for bem observado. As crianças na idade escolar, no seu desejo de ser inteiramente grandes, protestam contra esse horario infantil, e é mistér, por parte dos pais, uma grande perseverança e muita firmeza de carater para abolir os dias excepcionais que se apresentarão tanto mais frequentemente quanto mais as crianças sentirem os pais fracos e sem convicção.

Em minha propria familia (seja-me permitida esta allusão pessoal) nada havia no mundo que pudesse, graças a

Deus, tentar meus pais a esse respeito: nem minhas supplicas nem os pedidos das amigas, nem nenhuma especie de festa. Até aos meus quinze anos, em batendo 9 horas, no decurso de uma festa ou de uma reunião, os olhos de meu pai ou de minha mãe se levantavam implacavelmente para o relógio, e isto bastava para indicar a minha irmã e a mim o rumo de nossos quartos de dormir.

Devem ser louvados os pais severos, sobretudo quando se sabe que essa recusa lhes custava também uma luta interior, mas que os deveres paternos sobrelevavam a quaisquer outras considerações.

INTEGRIDADE E HIGIENE DO SONO

Não basta mandar a criança para a cama: cumpre ainda que, uma vez deitada, ela possa adormecer imediatamente e que seu sono seja o menos interrompido possível. Para isto, cumpre que o quarto em que durma a criança se ache um pouco afastado dos outros comodios, que ela durma só com um numero muito restrito de pessoas no mesmo quarto e que seu leito seja para ela só. Este deve ser mais duro do que macio, fresco, e sua coberta estritamente sufficiente para proteger a criança contra a friagem do ar e do vento, se a criança dorme ao pé de uma janela aberta. Este ultimo desideratum é muito facil de alcançar no Brasil, onde só é necessario fechar a janela por alguns dias do ano, durante as chuvas fortes e as tempestades. Mas, apesar dessas favoraveis condições atmosfericas, observa-se que a maioria das crianças dos grupos escolares, onde poude ser feito o nosso inquerito, dormem fechando hermeticamente portas e janelas. Essa falta contra a higiene é muito lamentavel, porquanto uma das funções do sono consiste, segundo alguns fisiologistas (Renault Bouchard) em fazer reserva de oxigenio. Se o ar é viciado, a criança ficará impedida de aproveitar-se do sono em toda a sua amplitude.

Dormir num aposento isolado, dormir só, não dividir o leito com outra pessoa, são exigencias higienicas que encontram muitas vezes obstaculos nas condições materiais da familia. Se são impossiveis de realizar, pelo menos os pais deveriam sempre pensar em acomodar a criança de maneira melhor, mais racional, e garantir, na medida do possível, o sono completo dela. Se a casa é pequena e os ruídos das salas onde se acham os membros adultos da familia não

podem ser abafados pela porta, cumpre que esses adultos reduzam o barulho, e não que se privem de toda expansão, mas que abulam os gritos, as risadas muito ruidosas, os discos dos gramofones e a emissão do radio muito barulhenta como as dansas muito movimentadas. A criança dorme. Seu sono é sagrado. O interesse dos pais deve ceder diante dos interesses e dos direitos da criança.

Se o numero de comodios é muito restrito, cumpre refletir com que pessoas a criança ocupará o leito.

Os doentes devem ser separados; as pessoas que se recolhem alta noite, igualmente, porque vão interromper-lhes talvez muito repentinamente o sono. Cumpre evitar, o mais possível, que a criança em idade escolar durma no mesmo quarto que seus pais ou com qualquer casal. Sob esse ponto de vista, é mistér ser muito prudente e não despertar nas crianças a curiosidade e os instintos cuja hora ainda não chegou.

É absolutamente necessario garantir á criança um sono tranquillo. Nada é mais perigoso do que os rumores súbitos, os gritos estridentes; a criança acorda em sobressalto, com fortes palpitações do coração, com a fronte suando e o olhar arregalado, revelando um estado afetivo violento de pavor e de angustia, muito prejudicial para a sua saúde nervosa.

O SONO DA CRIANÇA REVELAÇÃO DO SEU ESTADO FISICO E MORAL

A observação do sono da criança é muito instrutiva; muitos defeitos e perturbações se revelam a um observador perspicaz. Assim o sono será tranquillo, ou não, se seu estomago digerir bem ou mal. Uma alimentação demasiado copiosa ou toxica, alimentos muito gordurosos, café muito forte, o vinho — todas essas substancias cuja nocividade apenas repercutirá na conduta da criança durante a vigilia, mascaradas por distrações variadas, — darão um sono agitado, entrecortado de gemidos, perturbado por pesadelos de que ella frequentemente despertará.

Se a criança foi, durante o dia, testemunha de algum fato triste ou tragico, se foi vitima de algum acidente, se foi impressionada por alguma conversação ouvida — para logo todas as influencias, que teriam podido passar despercebidas aos pais, podem ser-lhes reveladas pela observação do

sono. A agitação insolita, os gritos, algumas palavras proféridas durante o sono, podem servir-lhes de pontos de partida para que eles interroguem a criança a respeito do seu dia e para que os ajudem a pôr-lhes ordem e paz na alma abalada.

Esta repercussão dos acontecimentos da vespera no sono das crianças foi bem focalizada pelas experiências de Karger, que registavam por meio de um aparelho inseritor (pera de cauchú, introduzida por debaixo do colchão da cama e ligada por um tubo de cauchú ao tambór de Mary, inscrevendo num quimografo) os movimentos das crianças durante o sono. Karger verificou um aumento notável na quantidade dos movimentos nas noites precedidas pelos serões em que a criança ouvira narrar contos com elemento afetivo muito forte. Assim a agitação do sono foi considerável, depois do conto de Aladino, das "Mil e Uma Noites", que a criança ouviu no serão.

A conduta da criança durante o sono permite descobrir certos estados morbidos importantes: a criança, quando dorme, tem a boca fechada ou aberta? No último caso, será mister consultar um medico para saber se ela não tem amígdalas enfartadas (ou as vejetações adenoides muito abundantes). Se não é este o caso e entretanto a criança deixa o queixo sempre pendente, teremos talvez neste fenomeno uma indicação relativa a uma certa fraqueza nervosa da criança, um tonus muito fraco de uma vontade talvez um pouco relaxada.

Se a criança rilha os dentes durante a noite, esse fáto poderia igualmente servir de indicação acerca de sua saúde: cumpriria examinar se os vermes intestinais não se encontram nas suas excreções ou se não ha vestígios de uma solitaria. Em caso contrario, teremos antes uma indicação acerca de um sistema nervoso demasiado tenso e que seria util descongestionar por uma alimentação mais vegetariana e lactea, por um modo de vida mais tranqüilo, por um banho morno antes de se deitar.

Se o seu sono é interrompido por gritos, se é agitado sem que nenhum excitante exterior, passado ou presente, possa ser invocado, deve-se ver se alguma perturbação do lado do coração não se manifesta na criança, que deve, então, consultar ao medico.

Por vezes o sono agitado se encontra nas crianças filhas ou netas de alcoolicos. Conhecem-se os efeitos desas-

trosos da hereditariedade alcoolica sobre o sistema nervoso dos decadentes.

Esta fragilidade do sistema nervoso se revela, em primeiro lugar, no sono das crianças, a principio pela simples agitação, depois por manifestações mais agudas, como contrações involuntarias, convulsões.

E' o sono ainda que nos põe na pista de uma anomalia organica, de uma certa debilidade do sistema nervoso, ou então de um desequilibrio psiquico, pelo fenomeno da enuresia noturna.

Em que idade ela se torna "asseiada"? As opiniões e sobretudo os costumes variam muito neste ponto. Observações colhidas junto ás crianças norte americanas de um meio social esclarecido mostram que a maioria das mães habitua a criança á cadeira, desde os seis meses, para as funções intestinais. Com um ano, a criança se serve da cadeira tambem para a micção.

Mas é aos dois anos que a criança indicará suas necessidades naturais durante o dia; nesse momento ela começará a ter noites "secas", e é dos 2 e meio aos 3 anos que ela vai acordar durante a noite para satisfazer ás suas necessidades.

Conforme a educação que se dá ás crianças, essa evolução do controle sobre os seus esfincters será mais ou menos precoce ou tardia. Em todo caso, se a criança não é ainda senhora de si, dos tres aos quatro anos, durante o dia, e dos quatro aos cinco anos, durante a noite, essa criança deve ser vigiada de mais perto e examinada pelo medico.

Se os accidentes persistem ainda nas crianças em idade escolar, ou se appareceram numa época antes da qual elas já tinham habitos de asseio, essas crianças devem ser estudadas com todo o cuidado.

Em primeiro lugar, somos levados a procurar uma causa fisica, organica. Mas esta não pode ser invocada si não em raras casos: 10% no maximo, são de origem organica e glandular; as outras (90%) são mais de ordem moral do que fisica.

Em um bellissimo estudo da dr. Helen Wooley, da Columbia University, acerca das crianças que "urinam na cama", a autora encara o problema da enuresia do ponto de vista psicologico e passa em revista as diferentes causas de insucesso. Assim ella fala da criança que urina na cama, porque foi mal educada, porque os educadores só deram por isso muito tarde, quando os habitos de negligencia se enrai-

zaram muito profundamente; ela cita o pavor e a ansiedade geral da criança por ser ralhada e muito severamente censurada pelas suas fraquezas, o que só contribue para agravar o seu estado. E' ainda uma causa profundamente psiquica, a do egocentrismo infantil. A criança é tão levada a querer estar no centro do universo e a atrair sobre si toda a atenção dos circunstantes que a isso se decide por qualquer meio, se as condições ordinarias não lhe garantem essa atenção e os cuidados. Quando não tem o conforto moral necessario, quando não é compreendida, quando é maltratada e incapaz de manifestar seus protestos por uma forma implicita, ela o faz no sono, protestando contra a ordem anormal das cousas, por um ato semiconsciente, sinão subconsciente, molhando a sua cama e causando contrariedades ás pessoas de que ela não gosta e que não lhe gostam.

Esta ultima explicação pôde ser facilmente verificada nas crianças dos orfanatos, quando estes não passam de frias casernas sem nada que lhes aqueça a alma. (*)

Visitando esses internatos, costumo perguntar o numero das crianças que "urinam na cama". Se ha muitas, minha opinião acerca da parte educativa do instituto está formada. Sei que a educação deixa a desejar e que aí a atmosfera moral não é das melhores. A prova é que basta muitas vezes a uma dessas crianças entre os "mijões" inveterados ser tomada em uma familia ou ser seguida por outro educador, para que ela rapidamente abandone seus habitos e se torne perfeitamente asseada, como uma pessoa que se preza.

Porque nisto está a explicação muito frequente da euresia: a criança não se respeita, está habituada a não ser considerada como pessoa digna e ajunta a essa opinião ainda a sua propria desestima.

A enuresia pode ser senão provocada, pelo menos provavelmente agravada pelos habitos de masturbação. Esta tende a aumentar a sensibilidade das regiões genitais, diminue o controle da criança sobre si mesma e cria um desejo de excitação que conduz a uma micção mais frequente".

Eis aí, pois, muitas nesgas da alma e do corpo das crianças que a observação do sono revela a quem deseja conhecê-las. Se ajuntarmos a isso ainda os sonhos da criança e

(*) Dr. Helen Woolley: *Petits mouilleurs de lit*. — "L'Enuresis, problème psychologique" (Schweizerische Zeitschrift für Hygiene, 1929).

nos dermos ao trabalho de analisá-los, para aí aprendermos as preocupações, as tendências e os desejos insatisfeitos, teremos completa a nossa lista dos fenomenos que se referem ao sono da criança e que os pais e pedagogos devem ter em vista para compreender melhor a criança, os defeitos e as causas prováveis destes.

Horas em que as crianças de diversas idades devem deitar para levantar ás 6, 7 ou 8 horas de manhã

Idade	Horas de sono necessario	Horas de se deitar para levantar-se ás		
		6 horas	7 horas	8 horas
7 años	11 h. 15 min.	6 h. 45	7 h. 45	8 h. 45
8 "	10 h. 45 "	7 h. 15	8 h. 15	9 h. 15
9 "	10 h. 30 "	7 h. 30	8 h. 30	9 h. 30
10 "	10 horas	8 horas	9 horas	10 horas
11 "	10 horas	8 horas	9 horas	10 horas
12 "	9 h. 45 min.	9 h. 15	9 h. 15	10 horas
13 "	9 h. 30 "	8 h. 30	9 h. 30	10 h. 15
14 "	9 h. 30 "	8 h. 30	9 h. 30	10 h. 30
15 "	9 horas	9 horas	10 horas	11 horas

A VIDA DE JESUS E O ENSINO DO CATECISMO

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

por D. MARIA LUIZA DE ALMEIDA CUNHA.

"Toda a vida de Jesus parece resumir-se assim em poucas palavras.

Após Belém vemos Nazareth; o Lago; Jerusalem. Nazareth quer dizer mysterio; o Lago significa o trabalho; Jerusalem indica o

combate: todo este conjunto é a Vida, o dia com as suas atividades e ardores. Belém é a aurora".

A. D. Sertillanges. (Jesus, 14.º milheiro, pg. 33, ed. 1921).

O Governo Mineiro, vindo ao encontro dos catholicos com a permissoão do ensino de catecismo em suas Escolas, cria para os nossos catequistas responsabilidades novas e prementes. Como quer que seja, a orientação moderna tem encantos que

se impõem desde logo ao espirito infantil.

D'outra parte, o executivo estadual, cioso das regras da Pedagogia Ativa, exige por todos os meios e modos a homogeneização do ensino em obediencia estrita á psicologia infantil. Ven-

endo os preconceitos de varios de seus antecessores, o Presidente Antonio Carlos não poderia certamente estimar que nos furtássemos, nós catolicos, ás diretrizes com que em boa hora entendeu remodelar a Escola Mineira.

E' noção adquirida que o ensino nas escolas, realizado por pessoas alheias aos respectivos corpos docentes, exige desses mestres, geralmente sacerdotes, adstritos a varias e afanosas funções, esforços sobrehumanos, cujo fruto é certamente diminuído pelo obstaculo que a novidade do professor traz á disciplina e consequentemente á atenção da classe.

Acresce ainda o numero desmedido de classes que, para boa ordem, deverão funcionar, segundo um horario prefixado e uniforme. Basta lembrar que só em Belo-Horizonte se desdobram os Grupos em um numero de classes superior a 400.

Onde arranjar mais de 40 centenas de catequistas que se espalhassem pelos nossos Grupos? Al estão outros tantos motivos para que nos esforcemos em fornecer ao professorado primario meio eficaz de transmitir aos seus pequeninos discipulos o ensino de catecismo, sem quebra da homogeneidade pedagogica tão estreitamente essencial á boa compreensão.

Pouco importa o valor intrinseco dos metodos utilizados; essencial no entanto que não nos esqueçamos ás exigencias regulamentares em prejuizo da boa compreensão e da amenidade das aulas de Religiao.

Em uma palavra, é necessario que adaptemos ás exigencias da Escola Nova as noções basicas do catecismo, com as creanças haverão de levar de envolta com seu Diploma de 4.º Ano de Grupo.

E' sabido como o principio de concentração é um dos basicos

da Escola Ativa e consiste em focalizar um objecto, ou um fato, como ponto de convergencia de todas as noções a se ministrarem e que por isso se denomina centro de interesse.

A quantos ouvirmos as idéas do exmo. sr. Bispo de Guaxupé, d. Ranulfo de Farias, é impossivel não ocorra desde logo o centro de interesse forçado para todas as nossas lições de catecismo: Jesus.

Em torno de sua vida, de seus atos, de sua pregação, de seus milagres, de seu sofrimento, desenvolvamos sempre a narrativa simples, dosada pelo indice intellectual da Classe. No decurso desta, caberão facil e naturalmente o enunciado dos dogmas, os preceitos da moral cristã, a explicação do culto.

A síntese inspirada de A. D. Scitlanges, com que começo estas linhas, estabelece a natural seriação para os 4 anos de Grupo, divididos entre os 4 aspectos predominantes da vida de Jesus.

- 1.º Ano — Belém, o berço — Deus na fragilidade de criança.
- 2.º Ano — Nazaré, a casa — Deus na perfeição humana.
- 3.º Ano — O Lago de Genesareth, o trabalho — Deus no desenvolvimento de apostolo.
- 4.º Ano — Jerusalém, o combate — Deus, sublime redentor.

1.ª LIÇÃO

Belém de Judá. — Cidade de David. — Situação; espéto. — Eleita por Deus para ser o berço de Jesus.

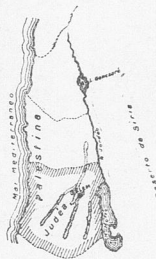
Mostrar num Mapa-mundi onde fica a Palestina. Traçar no quadro negro um rapido esquema da Palestina; indicar onde é a Judéa; localizar Belém. Sendo possivel, mostrar uma vista de Belém.

A Palestina foi a Patria de Nosso Senhor.

A Palestina é um paiz pequenino da Ásia.

Está situada entre o mar Mediterraneo (a oeste) e o deserto da Siria (a leste).

Antigamente a Palestina era dividida em 5 provincias.



A provincia que ocupava o Sul do paiz era a Judéa.

A Judéa é muito montanhosa. Numa de suas colinas está situada a cidade de Belém.

Belém é muito fertil. Produz todos cereais e tanto trigo que seu nome quer dizer "casa do pão".

Ai tambem se cultivam as figueiras e as videiras.

Muitos, muitos anos antes de Nosso Senhor nascer, já um profeta mandado por Deus havia dito: "E tu, Belém, não és certamente a menor das cidades de Judá, pois é de ti que sairá o chefe que governará Israel, meu povo". (Profeta Miquéas).

2.ª LIÇÃO

O estabulo — Os designios misteriosos de Deus — A Santissima Trindade — Amor á pobreza.

No tempo de Jesus, a Palestina já não era mais um paiz independente: pertencia aos romanos.

O Imperador dos romanos ordenou que se fizesse o recenseamento de todos os povos e de elle de familia tinha que ir inscrever-se na cidade em que nascera.

São José e Maria Santissima eram da familia de David; tinham, portanto, de se inscrever em Belém.

Deixaram a cidade em que moravam e se encaminharão para lá. Depois de seus cinco dias de viagem chegaram ao seu destino. Mas a cidade estava cheia de viajantes, e por isso não encontraram um lugar sequer nas hospedarias.

Havia, nas colinas da cidade, algumas grutas onde se abrigavam os animais.

A Divina Providencia conduziu para uma delas os passos de São José e Maria Santissima. Era já noite; abrigaram-se ali.

A' meia noite Jesus nasceu.

Jesus é Deus.

Porque terá querido Deus aparecer no mundo em um lugar tão pobre? Deus que fez tudo o que existe: o ceu com suas estrelas, a terra com suas plantas, seus animais e o Homem! Deus que é o Criador e o Senhor do universo e do Homem!

Só Deus seria capaz de fazer tanto sózinho, porque só Ele é todo-poderoso.

Deus é um puro espirito infinito e eterno, por isso não pôde haver mais de um Deus. Ha entretanto tres pessoas em Deus, que são: Padre, Filho e Espirito Santo.

Esta verdade foi ensinada pelo proprio Deus, mas nós não a po-

demos compreender por causa da fraqueza de nossa inteligência: é um misterio. Chama-se este o *misterio da Santissima Trindade*.

Deus fez todo esse universo para manifestar a sua gloria e para servir ás necessidades do Homem.

Se Jesus, que é Deus, escolheu um lugar tão miseravel para surgir no mundo, é sinal de que muito Ele ama á pobreza.

Devemos por isso tambem prezá-la muito.

Os que nasceram pobres não devem envergonhar-se, nem enrustecer-se, nem irritar-se porque são pobres. Lembrem-se de que Jesus tambem nasceu sem luxo, num estabulo pobre, pobre!

Os que nasceram ricos não devem ficar cheios de si porque têm casa bonita, vestidos caros e cama macia. Póde-se perder a riqueza do dinheiro, de um instante para outro e ficar na miséria.

Deus quer entretanto que os ricos estimem os pobres e que os auxiliem sem se gabar. Só assim a riqueza póde tornar-se um meio seguro de ganhar o Ceu.

A pobreza, acella de boa vontade, sem queixas, é caminho certo do Ceu.

No Ceu veremos a Deus, e ricos serão todos que tiverem sido bons pelo amor de Deus.

NOTA — Nesta Lição a professora ensinará como se faz sinal da Cruz.

3.ª LIÇÃO

Os anjos — "Gloria a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade" — *Incarnação do Verbo* — *Ave-Maria*.

Nos arredores de Belém havia pastores que passavam a noite a vigiar seus rebanhos.

Eis que um anjo do Senhor lhes appareceu e uma luz divina brilhou em volta deles; eles ficaram muito assustados... O anjo então lhes disse:

— "Não tenham medo; venho trazer uma boa nova que será causa de grande alegria para todo o povo; nasceu hoje na cidade de David o Salvador, que é Cristo nosso Senhor. Vocês o reconhecerão por estes sinais: encontrá-lo uma criancinha envolvido em panos e deitada em uma manjedoura".



No mesmo momento uma legião de anjos se juntou ao que falava louvando a Deus e dizendo: "Gloria a Deus no mais alto dos Ceus, e sobre a Terra, paz aos homens de boa vontade!" (São Lucas, Cap. II).

Deus, que fez todas as creaturas visiveis, creou tambem entes invisiveis: os anjos, que foram creados para servir a Deus.

Os anjos são puros espiritos; entretanto muitas vezes Deus tem apparencia sensivel para que possam ser percebidos por nós.

Além deste exemplo que acabamos de citar, sabe-se tambem que foi o anjo Gabriel que annunciou

NOTA — Nesta lição ensinar-se-á a Ave-Maria.

á Nossa Senhora que Ela havia de ser Mãe de Deus.

Quando rezamos a "Ave-Maria" repetimos justamente as palavras que o lindo anjo disse á Virgem Santissima naquela occasião.

E' tambem um misterio para nós essa verdade annunciada pelo anjo de que *Deus havia de tomar um corpo e uma alma, semelhantes aos nossos, sem deixar de ser Deus, e que a Virgem Maria seria sua Mãe. Este é o misterio da Incarnação.*

Nem todos os anjos ficaram sempre bons como Deus os creou. Muitos se revoltaram contra Deus e ficaram sendo os demônios que fazem tudo para nos afastar de Deus. Mas só vão para o inferno os que querem praticar o mal deliberadamente.

Nós podemos vencer os demônios com a nossa oração. Além disso Deus deu a cada um de nós um anjo para nos acompanhar nesta vida. É o anjo da Guarda.

Devemos rezar sempre ao nosso anjo da Guarda para que ele nos ensine a conhecer Nosso Senhor, como os anjos da noite de Natal ensinaram aos pastores de Belém.

"Gloria a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade!"

NOTA — Recordando a gruta onde Jesus nasceu, Santa Helena (mãe do imperador Constantino) mandou construir uma grande basílica, que até hoje está sob a guarda dos Franciscanos.

4.ª LIÇÃO

Os pastores — "Cheguemos até Belém afim de ver o Verbo que Deus nos enviou". — *A Natureza humana* — *O desejo de conhecer Nosso Senhor*.

Aconteceu que, logo que os anjos deixaram os pastores para voltar ao Ceu, estes diziam uns aos outros: "Vamos até Belém para ver o que o Senhor nos annunciou". Dirigiram-se para lá

a toda pressa e encontraram Maria e José e o Menino Jesus deitado em um presepe. Vendo-O, elles reconheceram a verdade do que lhes tinha sido dito a respeito dessa criança. Todos que ouviam a narração dos pastores ficavam admirados do que elles contavam. E depois, os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por causa de tudo quanto tinham ouvido e tinham visto. (São Lucas, Cap. II).



Na lição passada aprendemos que os anjos foram creados para servir a Deus.

Os pastores, de quem se fala nesta narrativa evangelica, nos dão um exemplo muito util para nossa vida cristã.

Deus creou o Homem tambem para ser servido.

Nós não poderemos servir bem a uma pessoa que não conhece

mos. Portanto nosso primeiro cuidado será o de conhecer a Deus. Mas como? Virão também os anjos do Ceu para nos dar os sinais por que reconheceremos Jesus?... Não!

Para conhecer bem uma pessoa precisamos saber quais são os seus pensamentos, a sua vontade e os seus desejos.

Nós não podemos ver a fisionomia de Deus, porque Ele é o puro espírito; não tem corpo como nós! Mas a vontade de Deus e tudo quanto Ele ensina podemos e devemos conhecer, porque Ele mesmo ensinou tudo isso aos homens.

Quando Jesus esteve no mundo, reafirmou esses ensinamentos e hoje a Igreja Católica é encarregada de ensinar a Lei de Deus. A aula de catecismo é a oportunidade para ficarmos sabendo todas essas verdades e obrigações.

Lembrem-se de que mal os anjos anunciaram aos pastores o nascimento de Jesus, eles se dirigiram imediatamente para junto do Menino Deus. Assim também devem as crianças acudir à aula de catecismo porque aí se aprende a conhecer Nosso Senhor, aí se aprende a amar-LO e servi-LO bem para poder alcançar o Ceu.

E, como os pastores, havemos de voltar para casa glorificando a Deus e contando quanto aprendemos na aula de catecismo para que todos se acostumem a louvar a Deus.

Impelidos a pressa dos pastores no desejo santo de conhecer N. Senhor.

5.ª LIÇÃO

Maria Santíssima — “Conservava todas estas palavras e meditava-as em seu coração.” — A mais perfeita dentre as criaturas humanas.

Quando a Maria, conservava todas estas cousas repassando-as

em seu coração. (São Lucas, Cap. II).

Enquanto os anjos cantam, enquanto os pastores glorificam a Deus publicando o que tinham ouvido e o que tinham visto, Maria Santíssima se cala.

Ela sabia que o seu Filho era Deus; Ela conhecia pelas luzes do Espírito Santo a graça que lhe fora dada de ser Mãe de Deus.

E, porque Maria Santíssima ia ser Mãe de Deus, a sua alma tinha sido preservada do pecado original.

Quando Deus fez o 1.º homem do barro da terra, deu-lhe um espírito de vida, que é a alma. A alma de Adão era pura como a de Eva, que foi a companheira que Deus lhe deu. Adão e Eva desobedeceram às ordens de Deus. Fizeram um pecado. Este primeiro pecado que se cometeu no mundo chama-se o pecado original. Por causa do pecado original Adão e Eva perderam a inocência, a graça de Deus, a amizade de Deus e o direito de ir para o Ceu.

Ficaram sujeitos a sofrer, a morrer e foram expulsos do paraíso.

Todos nós herdamos esse estado de pecado e para apagar essa mancha da alma é que se batizam as crianças.

Só Nossa Senhora nasceu sem pecado original e durante toda a vida Ela nunca pecou. Devemos, portanto, gostar muito de Nossa Senhora, que é nossa Mãe do Ceu e pedir-lhe sempre que nos ensine a amar a Jesus.

“Ó! Maria concebida sem pecado, rogaí por nós que recorremos a Vós”.

6.ª LIÇÃO

O nome de Jesus — Mistério da Redenção

(Ensinar-se-á o Padre Nosso).

Deus, já muito antes do dia de Natal, tinha mandado ao anjo

dizer a São José que pusesse o nome de Jesus no divino menino. E assim foi feito 8 dias depois do seu nascimento.

No tempo de Jesus falavam-se duas línguas na Palestina. Uma delas era o hebraico, e nessa língua Jesus quer dizer “Salvador”

Na verdade Jesus foi o nosso salvador.

Depois do pecado original todos nós tínhamos perdido o direito ao Ceu. Mas Deus teve pena de nós e prometeu que havia de mandar um salvador capaz de ganhar de novo a sua amizade e a sua graça para todos nós.

Este salvador prometido a nossos primeiros Pais no paraíso terrestre foi Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Jesus é o Filho da Deus, a segunda pessoa da S. S. Trindade, que tomou a natureza humana para nos salvar.

Ha 20 séculos que se realizou este misterio da Incarnação do Verbo. O nascimento de Jesus na gruta de Belém marca o ano 1 da era cristã.

Muitas vezes devemos repetir com respeito o nome de Jesus. Esse nome santo é o unico verdadeiro consolo que encontramos na tristeza; é a unica palavra capaz de afastar de nós o mal e é a unica que diz toda a Felicidade a que podemos aspirar.

Jesus!

7.ª LIÇÃO

Apresentação de Jesus no templo — Simeão — A Paixão e Morte de Jesus.

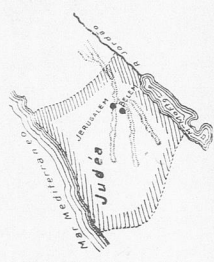
(Localizar Jerusalém, capital da Judéa, 8 ks. ao norte de Belém).

A Lei judaica mandava que os filhos primogenitos fossem consagrados ao Senhor.

Para isso Maria e José levaram o menino Jesus a Jerusalém, que

era a cidade em que estava o templo do Senhor.

Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, que era justo e temente a Deus.



Tinha lhe sido revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria sem ter visto o Christo salvador. Ele foi ao templo por inspiração do Espírito Divino. E, como os Pais da criança a trouxeram afim de cumprir a Lei, o velho Simeão tomou o menino nos seus braços e disse: “Agora, Senhor, podeis deixar ir em paz o vosso servo, porque, segundo vossa promessa, meus olhos viram o Salvador, que mandais, e que será a gloria de Israel. (Lucas, Cap. II).

Depois o velho Simeão, voltou-se para Nossa Senhora, lhe disse que Ela havia de sofrer muito por causa de Jesus.

Com o pecado de Adão e Eva, a justiça divina tinha sido gravemente ofendida pela natureza humana. Era preciso reparar esse pecado e dar uma satisfação digna de Deus. Por isso é que o filho de Deus tomou uma natureza igual à nossa. Ofereceu então a sua vida santa, todos os seus trabalhos a Deus, para que

este nos desse novamente sua amizade e sua graça. Isso bastaria para nos ganhar o Céu. Mas Jesus não se contentou com isso e quiz sofrer por nós, quiz derramar até a última gota de seu sangue e morrer pregado numa Cruz para deste modo nos dar provas de seu amor infinito, reparar todo o mal causado pelo pecado, merecer o Céu para nós e ser nosso modelo.

Tudo o que Jesus sofreu até a sua morte chama-se a sua Paixão e foi por essa Paixão e Morle que Ele quis merecer a nossa Redenção (Salvação).

Simeão não foi o único profeta que predisse que Jesus era o Salvador; houve muitos outros que,

também, inspirados pelo Espírito Santo, o fizeram.

Esta verdade de que Deus quiz sofrer por nós deve fazer brotar dois sentimentos muito bons em nossa alma: 1.°, a gratidão por esse Jesus que deu todo seu corpo, toda sua alma ao sofrimento para que nós possamos ser felizes; 2.°, a paciência no sofrimento. Ha pessoas que não têm paciência para suportar uma dorzinha sequer sem se queixar. Isso é porque se esquecem de Jesus. Não sejamos ingratos assim!

Jesus, eu quero amar-vos muito, muito!

(Continua).

A ESTRUTURA PSÍQUICA DO SONHO E A MENTALIDADE INFANTIL

"Dreaming may be viewed as a reversion to a more primitive type of thought".

JASTROW

O estudo analítico da estrutura mental do sonho permite constatar que o processo onírico não constitui, como muitos pensam, uma forma particular, excepcional, de atividade psíquica. O estado onírico não possui caracteres estruturais diferentes do estado de vigília. Como diz Bergson, a vida mental desperta é obtida pela limitação, concentração e tensão desse estado psíquico difuso que é a vida do sonho. O pensamento vigilante é portanto uma forma evoluída e aperfeiçoada do pensamento onírico.

Efetivamente, o estudo do mecanismo do sonho permite identificá-lo como um estado elemental, primitivo da mentalidade humana. E a prova mais eloquente deste postulado é a semelhança íntima que guarda o pensamento do sonho com o pensamento da criança, do homem primitivo e de certos doentes mentais. Esta analogia curiosa tem sido constatada pela maioria dos psicólogos e filósofos modernos. Para Havelock Ellis o mecanismo mental e afetivo da criança, do selvagem e do lunático oferece um caminho seguro para podermos penetrar no mundo psíquico do sonho. ("It thus happens that the ways of thinking and feeling of the child and the savage and the lunatic each furnish a road by which we may reach a psychic world

which is essentially that of the dreamer"). Nietzsche com a sua admirável intuição psicológica achava que no sono e no sonho havia uma regressão ao pensamento da humanidade primitiva. ("Im Schlaf und im Traume machen wir das ganze Pensum fruheren Menschthums durch.")

Para Freud, no sonho, a criança revive com os seus impulsos. E Gieseler dedicou todo um capítulo da sua grande obra para mostrar do qual próximo do pensamento infantil está a atividade psíquica do sonho.

Procuramos por nosso lado esclarecer resumidamente, os principais pontos de semelhança entre a mentalidade do sonho e a mentalidade da criança. O primeiro carater de identidade que vamos encontrar é a atividade simbólica.

O simbolismo consiste em representar uma idéa, um sentimento, um sêr, um objeto por um outro objeto, por uma imagem ou por um quadro. É uma transcrição, por assim dizer, hieroglífica. O pensamento simbólico é uma forma primitiva de pensamento em que os fatos afetivos são representados por objetos concretos e as imagens se associam, não segundo relações lógicas, mas consoante o sentimento de que são revestidas. Evoluindo e aperfeiçoando-se, a intelligencia tende, entretanto, a substituir o simples elemento afetivo pelo quadro da logica com os seus conceitos e as suas categorias.

A representação simbólica pela imagem é muito mais rápida do que a descrição analítica de uma situação. É, por excelencia, um modo sintetico de expressão. O simbolismo, ao inverso da expressão exata, é polivalente, e um símbolo suficientemente geral torna-se uma chave hieroglífica capaz de exprimir fatos ou idéas de natureza muito variada; ele permite encontrar, entre todas as idéas integradas no seu campo de expressão, comparações e associações extremamente fecundas. O simbolismo é infinitamente mais evocador do que qualquer outro modo de expressão. (Allendy).

A vida mental da criança é rica de atividade simbólica. Com o auxilio do simbolo, a criança enfeita a realidade exterior, transformando-a num espetáculo maravilhoso, adaptado à sua personalidade. O simbolo é a varinha de condão com que a criança transfigura os seres e as coisas do mundo objetivo em entidades fantasticas, em criações pitorescas que entretêm os arroubos naturais da sua fantasia.

Alice Jouenne, diretora da Escola Municipal ao ar livre, de Paris, fez investigações muito interessantes sobre a atividade simbólica do pensamento infantil. "A criança, diz ela, tem uma tendência a comparar a forma das plantas com as formas que se lhe deparam na vida quotidiana. É assim que a forma da corriola (planta convolvulacea) é a principio, para ela, um belo calice onde se poderia pôr agua clara, depois, uma campana de fonografo, um "abat-jour" um chapéu chinês, uma corneta acustica, etc. Se a corriola se enrola ao redor de uma herva, a criança vê nela uma serpente florida. A forma das pedras e dos seixos impressionam as crianças mais do que quaisquer outras formas; o mesmo acontece com as nuvens. Então para exprimir o que vêem, (porque elas vêem), as crianças empregam comparações variadas ao infinito, mas sempre justas. Assim para elas, os seixos são peixes, ninhos de passaros, sapatos. As nuvens são cabeças de rãs, crocodilos, cavalos, montanhas, vulcões. Ai percebem homens ajoelhados ou homens que trabalham. Chegam a vêr

nas nuvens os Tres Magos. Os millefolios são pequenos pinheiros ou cogumelos, quando estão bem floridos; as rosas são como lanternas na noite; os botões da corriola são semelhantes a grãos de trigo maduro; as folhas que caem são borboletas. As malvas se agitam como crianças e as flores das campanulas são vasos".

O mundo do sonho também é profusamente povoado de símbolos. E nesse sentido é surpreendente a habilidade e a presteza com que a inteligência onírica interpreta simbolicamente não só os pensamentos, como as excitações orgânicas que a impressionam durante o sono. O pensamento simbólico não é, porém, apanágio exclusivo do sonho e da criança. Vamos também encontrá-lo na atividade mental do homem primitivo, do neurotico e nas manifestações artísticas do homem normal.

Os psicólogos têm procurado saber a razão dessa preferência do espírito primitivo pela imagem concreta. Para Flournoy, a representação concreta é mais estimulante para a personalidade; para Freud, é porque ela permite "disfarçar" e "condensar" o pensamento; para Silberer, pela incapacidade do indivíduo para a abstração; para Ferrero, porque a representação concreta se conforma com as leis da "inércia mental" e do menor esforço; para Ribot, porque é um processo imaginativo primordial; para Hesnard, o pensamento simbólico é um processo de atividade psíquica elementar, inferior, que associa concretos, como o pensamento da criança, do selvagem, etc.

Outro atributo psicológico do sonho que vamos encontrar, ainda que com modificações especiais, na mentalidade infantil, é a "crença" integral nas próprias idéias. "Uma cousa que surpreende, diz Piaget, desde o primeiro contato com uma criança com menos de 7-8 anos, é a sua segurança extrema em todas as cousas. Quando se mostra a uma criança de 4-5 anos, de acordo com o processo bem conhecido dos tests de Binet e Simon, duas pequenas caixas do mesmo volume e que se pergunta — qual é a mais pesada? A criança logo responde —: É aquela. Sem ter ela a própria sopesado as caixas. E assim para tudo. (Le Jugement et le Raisonnement chez l'Enfant", p. 268).

Essa convicção rigorosa nas próprias afirmações, essa certeza absoluta nas próprias idéias, característica o que Janet chamou de "estadio da criança", ou das "tendências pituiticas", comum à criança e ao homem primitivo.

É interessante observar que mesmo a experiência não consegue esclarecer os espíritos que atravessam essa fase particular da mentalidade primitiva. E' que eles julgam que as coisas podem errar ou estar erradas, mas eles nunca. O selvagem que chama a chuva por um rito mágico, explica o seu insucesso pela intervenção de um espírito maligno. Ele é, como disse alguém, "impermeável à experiência". A experiência só o esclarece em certos pontos especiais da técnica (cultura, caça, fabricação). Entretanto, esse contacto momentâneo e parcial com os fatos não modifica a orientação do seu pensamento.

Com muito mais razão esse estado de espírito se verifica na criança cujas necessidades materiais são prevenidas pelos cuidados dos pais. E' somente nos jogos manuais que a criança aprende a resistência das cousas e se inicia no manejo da realidade concreta. Mas

no plano do pensamento verbal, toda a idéia torna-se uma crença. (Piaget) Com a adaptação progressiva ao meio social, a criança vai procurando modelar as suas idéias pelas dos adultos, e assim, aos poucos, o seu pensamento vai se tornando "lógico", despontando então nela o espírito crítico.

Dois caracteres fundamentais da mentalidade infantil vamos encontrar, ainda que profundamente modificados, no pensamento onírico — o "egocentrismo" e o "sincretismo".

O egocentrismo refere-se à influência preponderante que a própria personalidade exerce sobre a vida intelectual da criança até cerca de 7-8 anos.

Para tornar mais compreensível a natureza psicológica da mentalidade "egocêntrica", Piaget, no seu esplêndido trabalho sobre "Le langage et la pensée chez l'enfant", estabeleceu uma comparação entre o pensamento "autístico" do neurotico e do homem primitivo, o pensamento "egocêntrico" da criança e o pensamento "social" do adulto.

Na opinião desse psicólogo penetrante e sutil, a criança pensa de uma maneira exatamente intermediária entre o processo mental autístico e o processo socializado. A denominação de "egocêntrico" para o pensamento infantil indica que este pensamento se conserva ainda autístico na sua estrutura, mas que os seus interesses não visam mais somente a satisfação orgânica ou lúdica, como o autismo puro, mas também uma adaptação intelectual ao pensamento "social" do adulto.

O pensamento egocêntrico se caracteriza por ser mais "intuitivo" que dedutivo e pela inexistência de raciocínios explícitos. O juízo vai diretamente das premissas à conclusão, passando por cima dos intermediários. Não cuida da verificação das proposições, utilizando antes visões globais. Emprega esquemas pessoais de analogia, lembranças de raciocínios anteriores. Os esquemas visuais têm um papel relevante, pois substituem a demonstração e servem de base à dedução. Os juízos de coeficiente pessoal exercem uma grande influência sobre o pensamento egocêntrico.

O sincretismo é a fusão de elementos heterogêneos e a crença de que estes se impliquem uns aos outros. As cousas percebidas juntamente, ainda que acidentalmente, são julgadas unidas indissolivelmente: a criança forma assim esquemas globais, aos quais reduz as novas percepções. A criança não se ocupa da relação objetiva das cousas entre si, mas apenas da relação subjetiva na própria mente. (Geenen).

O sincretismo é, portanto, uma juxtaposição imediata de elementos heterogêneos, com a crença na implicação dos elementos assim condensados. O sincretismo se acompanha de uma tendência irreprimível de justificação. A criança encontra sempre uma razão para tudo. E nesse sentido, a sua atividade "interpretativa" é extraordinária, a fertilidade das suas hipóteses é surpreendente. Piaget acha que a falta de equilíbrio lógico do raciocínio infantil resulta da influência da sua atividade sincretica. Por esta razão, o raciocínio infantil não é dedutivo, nem indutivo, mas "transdutivo", na expressão de Stern. Assim, torna-se fácil compreender-se a insensibilidade da criança à contradição.

Se atentarmos para a estrutura mental do processo onírico, encontraremos algumas analogias interessantes com esses caracteres

do pensamento infantil, que acabamos de estudar. Em primeiro lugar a personalidade do sonhador é o fulcro de toda a atividade do sonho. O processo onírico é, portanto, também egocêntrico. Freud chama este egocentrismo do sonho de "sacro-egoísmo". Todo sonho é um reflexo da personalidade do sanhador; é, como diz De Sanctis, "lo specchio più fedele di noi stessi".

A facilidade com que o sonho funde e juxtapõe imagens de origens diferentes parece ser uma atividade mais ou menos idêntica ao sincretismo infantil. Kretschmer chama esse atributo do sonho de "aglutinação", e Freud, de "condensação". Essa juxtaposição de imagens heterogêneas também vamos encontrar no pensamento "mágico" do homem primitivo.

Assim como a criança procura explicar, na sua atividade sintética, a seu modo, os dados da realidade exterior, o indivíduo que sonha busca também justificar de uma maneira sui-generis as representações que se agitam na tela movediça da sua imaginação. E tanto na criança, como no sonho, essas tentativas de justificação racional são incongruentes, absurdas, e sempre relacionadas com a própria realidade.

Do mesmo modo que a mentalidade do homem primitivo, o pensamento do sonho e da criança é alógico e insensível à contradição.

Outro caráter interessante do pensamento infantil que o aproxima do pensamento onírico é a riqueza e a opulência da imaginação da criança, que se traduzem na sua tendência pronunciada à fantasia, na facilidade surpreendente com que ela constrói teorias imaginárias, com que inventa histórias pitorescas. Esta exuberância imaginativa permite à criança criar, dentro de si mesma, todo um mundo maravilhoso e fantástico.

Referindo-se a este aspecto característico do pensamento infantil, diz Allendy: "L'enfance toute entière est comme un rêve dans lequel le moindre prétexte, la moindre apparence deviennent le point de départ de constructions imaginaires riches et vivantes au point de se confondre avec la réalité".

O esquematismo da atenção infantil posto em evidência por Revault d'Allones e Jean Piaget não deixa de apresentar também uma certa semelhança com a redução do campo da atenção do sonho estudada por Havelock Ellis.

O campo da atenção infantil à primeira vista parece ser mais largo, pois, de fato, as coisas são observadas em grande número; mas um exame mais demorado permite constatar a sua redução, pois as coisas são esquematizadas de acordo com o ponto de vista próprio da criança, em lugar de serem percebidas nas suas ligações intrínsecas. É neste sentido que o campo da atenção da criança é estreito. "L'enfant, diz Piaget, voit beaucoup de choses, plus que nous souvent, il observe en particulier quantité de détails qui passent inaperçus a nos yeux, mais il n'organise pas ses observations, il est incapable de penser a plus d'une chose à la fois. Il éparille donc les données sans les synthétiser". Sua atenção múltipla, como diria Revault d'Allones, é sem proporção com a sua atenção aperceptiva, assim como a organização das suas lembranças é sem proporção com a plasticidade da sua memória.

Para Piaget, o esquematismo atencional e o pensamento egocêntrico são solidários; procedem ambos de hábitos primitivos de

pensar, que consistem em tomar por absoluta a percepção individual imediata, e ambos acarretam a incapacidade de manejar a lógica das relações.

Essa mesma amplitude do campo de consciência concomitante a uma redução da atividade sintética da atenção é também um traço característico do pensamento onírico.

Como diz Havelock Ellis, no sonho, manejamos com menos elementos, (do que na vigília), conquanto esses elementos provem de um campo mais largo. (We deal with fewer psychic elements though those elements are drawn from a wider field").

A prova mais eloquente, porém, da semelhança do pensamento infantil com o pensamento onírico é a facilidade extraordinária com que a criança confunde os fatos sonhados com os fatos reais.

A criança assim começa a sonhar não distingue o mundo onírico da percepção real e se refere a acontecimentos dos sonhos como se os mesmos tivessem realmente ocorrido. Quando desperta, continua a considerar o sonho como verdadeiro, objetivo, e confunde as lembranças do sonho com as da vigília. Nos pesadelos, esta ilusão infantil se manifesta claramente. A criança acorda aterrorizada e dificilmente se convence de que os ogres e os fantasmas que viu no sonho só existem na sua imaginação. Piaget, que fez pesquisas muito interessantes sobre o assunto, afirma "lors de leurs premiers rêves, tous les enfants considèrent ces rêves comme vrais. C'est en bonne partie le milieu social et les parents qui détrompent l'enfant".

Mlle. Feigin teve a curiosidade de estudar como a criança distingue, pouco a pouco, o sonho da realidade exterior. Ela constatou que até 9 anos, mais ou menos, os absurdos do sonho não são invocados como critério. Desempenha um papel importante nessa distinção o confronto com o pensamento de outrem. Mas em todos os casos as pesquisas demonstraram que a distinção entre o sonho e a realidade não é sempre fácil e que os sonhos emotivos, em particular, têm uma tendência a ser completamente confundidos com a vida real.

Segundo a opinião dos etnógrafos modernos, (Frazer, Baldwin, Levy Bruhl), o homem primitivo, do mesmo modo que a criança, confunde o sonho com a realidade e não distingue as manifestações oníricas dos dados da percepção real.

São esses, a nossa vêr, os principais aspectos da estrutura psicológica do sonho, que o aproximam da atividade mental da criança. Mas esses pontos de semelhança entre o pensamento onírico e o pensamento infantil que acabamos de tentar pôr em relevo, não implicam de modo nenhum uma identidade estrutural e funcional perfeita entre essas formas de pensamento. Certamente, existem caracteres estruturais e funcionais específicos em cada uma dessas mentalidades, condicionados por uma infinidade de fatores. Mas esses pontos de semelhança que procuramos estabelecer, permitem situar o sonho como um caso particular do pensamento primitivo, entre mil outras manifestações, despojando-o do seu caráter aparentemente exótico e fantástico.

Escola Normal de Manhuassú, 5-2-932.

THEOBALDO DE MIRANDA SANTOS

NOSSA EXPERIENCIA

HOMOGENEIZAÇÃO DE CLASSES: DIFICULDADES

Ha dois anos vimos experimentando em nossos grupos escolares a homogeneização das classes.

Verdadeiro trabalho de experimentação, temos observado, colhido, modificado, no intuito constante de melhorar aquilo que, de modo nenhum poderia ser perfeito de inicio.

Em vespuras de se iniciar uma terceira tentativa, sem duvida, já alicerçada pelas experiencias das duas precedentes, e, por conseguinte, com maiores probabilidades, será oportuno pedir a atenção de quantos colaboram no ensino, para alguns pontos, e não são poucos, que atingem a homogeneização das classes, ameaçando desvia-la por completo de suas finalidades.

Procuraremos salientar alguns aspectos difíceis da homogeneização, e, em seguida, consideraremos alguns de seus objetivos.

As dificuldades que o nivelamento das classes encontrou em nosso meio, e que, não raro o deturpam bastante, vêm sendo analisadas desde a primeira tentativa, em 1931; poderemos encontrar referencias nas Revistas do Ensino de Janeiro a março de 1931, e de abril a junho de 1932.

Antes de tratar diretamente das dificuldades, é bom talvez, propor uma pergunta: a homogeneização das classes é vantajosa para o trabalho das professoras? Sem aprofundar a questão, e sem estabelecer numeros para uma resposta mais objetiva, pensamos, no entanto, poder afirmar ser vantajosa aquela medida, baseando-nos na afirmação de grande numero de pessoas interessadas no assunto. Ha mesmo professoras que chegam a estabelecer diferenciação

entre as materias cuja aprendizagem mais se resente da heterogeneidade das classes, como por exemplo, a leitura, conforme citação de uma das professoras técnicas dos grupos do interior.

Si é uma vantagem, haverá interesse em que se discutam as probabilidades de atenuar esta ou aquela dificuldade, e principalmente se *colham* e se *registrem*, e se *propagarem* as iniciativas daqui e d acolá que vão sendo tomadas no sentido de garantir o exito da classificação, sem o que, se esse amontoado de obstaculos continua, o que absolutamente não é para se esperar, nunca poderemos dar ao nosso trabalho bases bem firmes que permitam julgá-lo em suas vantagens ou desvantagens.

As dificuldades encontradas em 1931 foram quasi as mesmas que em 1932, sem contudo ter deixado de existirem avanços e bem sensíveis.

Falemos hoje, apenas, sobre o grande obstaculo encontrado diante das idades dos alunos, e que nada apresentavam de real, muitas vezes.

Indicada em 1931 como a maior e a mais generalizada das dificuldades, vemos-la em 1932 apresentar uma variante: si no primeiro ano a questão se referia a ausencia de dados legais sobre a idade cronologica dos escolares, em 1932 tomava um caracter diferente e vinha mostrar que outros problemas se prendiam a este. Obtida pelo decreto 10.133, de 17 de novembro de 1931, a obrigatoriedade do atestado de Reg. Civil para matricula nas Escolas Primarias, era de se esperar, pelo menos em hipotese, que a causa

primordial do insucesso de certos casos desaparecesse. No entanto, outra dificuldade veio tomar o lugar desta. Em 1932, já não se registra a falta de documentação legal das idades, mas a enorme dificuldade em obter as certidões do Registro Civil...

Porque?...

Por inumeras causas: Os escritórios não interpretaram bem as disposições do decreto, e levantam obstaculos.

O cartorio onde se efetuou o registro está em uma cidade distante.

A criança não foi registrada, e os pais são pobres não podem dispor da quantia necessaria para o cumprimento da lei.

Em seu excelente trabalho sobre a homogeneização de classes, publicado pela Revista do Ensino numeros 68 a 70 do corrente ano, d. Maria Luiza de Almeida Cunha, assistente técnica do Ensino, analisa com segurança os diversos aspectos que a classificação apresenta e com os quais teremos que lutar, e lutar por muito tempo, si quizermos consolidar esse trabalho.

Classificando em cinco grupos as dificuldades que teremos de vencer, ela nos mostra pelos alarmismos colhidos através dos 32 relatorios examinados sobre a homogeneização das classes, ser a obtenção do Registro Civil o caso mais frequentemente apontado dentre aqueles que se acham catalogados no 1.º grupo, e que se referem ao "meio em que está situada a escola".

Pensamos ser providencial essa afirmação.

O Registro Civil existe, mas é pequena a porcentagem dos que se registram. A causa inicial dessas dificuldades é de carater popular.

A Escola vê claramente a necessidade de estender o raio de sua influencia, além, até à família, se quer, com convicção, tenacidade e entusiasmo alcançar uma organização mais eficiente.

Lembre-mos aqui das palavras da referida assistente técnica:

"O carater deste problema é nacional, justificador de todos os esforços que teremos de despender. O caminho está traçado. É longo. Certamente a meta será alcançada: prossigamos". É longo, sem duvida, o caminho e apela não só para a Escola, mas para a família e as autoridades competentes. Caberá à Escola, principalmente em vespuras de se encerrar o ano letivo, explicar, aconselhar, convencer. A ela é necessario, porém, que se alie a boa vontade e a colaboração dos pais, e do oficial competente.

Não nos esqueçamos de que essa medida vai além do simples registro da idade real do aluno para efeito de medidas pedagogicas. A Diretoria de Saude Publica, as secções de Estatística em geral, a reclamam, como vemos frequentemente.

É animador registrar-se a conquista de um dos grupos de São João del Rei, que obteve quasi 100% de certidões para os alunos matriculados no 1.º ano, em 1932.

A propaganda se tem feito, em alguns pontos do Estado, de modo inteligente e certamente proveitoso. Em um dos numeros do "Sentinela", jornal escolar de Pedro Leopoldo, vemos como se vai fazendo conhecida, a começar pelos proprios alunos, a disposição do decreto n. 10.133.

Assim, pensemos desde já como iremos atenuar os obstaculos de inicio enumerados, e que dificultam a apresentação do certificado do Registro Civil.

Estamos em vésperas de uma terceira homogeneização.

Valerá a pena estender indefinidamente, a todos os estabelecimentos de ensino primário, o critério de seleção das classes, si a porcentagem das certidões não au-

mentar por ocasião da matrícula?

Não recuemos. A boa vontade é também uma forma de inteligência, pois resolve situações bem difíceis, às vezes.

NOTICIARIO

No plano de realizações práticas, no campo do ensino, de acordo com as diretrizes do sr. Secretário da Educação e que vem sendo executado pelo sr. Inspetor Geral da Instrução, releva acentuar o programa de ação direta nas escolas.

Figura neste, destacadamente, a realização de conferências e palestras pedagógicas nos estabelecimentos de ensino.

A primeira serie de palestras pedagógicas obedecendo a esse plano, realizou-se nesta quinzena, nos Grupos Escolares da Capital, com a colaboração do sr. Guerin Casasanta, inspetor geral da Instrução, professores Mauricio Murgel, Oscar Arthur Guimarães, Anita Fonseca e Amelia Malta Machado, membros do Corpo Técnico da Secretaria da Educação e professoras Maria Suzel de Padua, Corinha Rocha e Maria da Gloria Novaes, professoras técnicas da Capital.

Damos abaixo um ligeiro resumo de cada uma das palestras dessa serie.

"HOMOGENEIZAÇÃO DAS CLASSES

No Grupo "Silviano Brandão", a professora Amelia Matta Machado falou sobre "Homogeneização das classes".

A professora Amelia Matta Machado, dando inicio á sua conferência, lembrou o que entre nós já se tem feito sobre o assunto, como

se pôde ver em diversos numeros da "Revista do Ensino", de 1931 e 1932. Citou o trabalho de D. Helena Antipoff, pronunciado na 4.ª Conferencia Nacional de Educação e igualmente o Boletim n. 8, da "Revista do Ensino", da mesma autoria.

Falou, em seguida, sobre a homogeneização, no Grupo "Silviano Brandão". Embora "testadas" as crianças de 1.ª e de 2.ª ano, num total de 634, pelas professoras do estabelecimento, Maria Moura e Annita Lapertosa, alunas da Escola de Aperfeiçoamento, a homogeneização não foi praticamente feita, como se poderia verificar, nas proprias classes.

Passou em seguida a falar sobre as dificuldades que impossibilitam sejam as classificações mantidas, dificuldades que naquêlê Grupo eram acrescidas e agravadas pelo funcionamento em tres turnos. Citou as iniciativas que vêm tomando algumas diretoras e professoras técnicas, no sentido de afastar principalmente as dificuldades decorrentes do funcionamento em turnos e dos pedidos dos pais. Frisou como uma das dificuldades para a classificação — o conhecimento inexacto das idades — vem sendo sanado pelas providencias da administração atual estabelecendo a obrigatoriedade de fornecimento da idade exata dos alunos, motivo pelo qual felicitava o sr. Presidente do Estado e o sr. Secretário da Educação. Mostrou ainda como os

professores podem concorrer para afastar muitas dificuldades atualmente existentes.

Disse em seguida da finalidade da classificação: facilitar o conhecimento individual dos alunos para ministrar educação adequada a cada caso especial. Mesmo a observação da professora se faz melhor, num meio mais homogêneo.

Lembrou ainda que a classificação não deve ter caracter estatico, mas permitir o reajustamento frequente com as mudanças justificadas com documentação.

A palestra, em todo o seu desenvolvimento, foi ilustrada com documentos e exemplificações. Varios de seus topicos foram discutidos e esclarecidos entre as professoras.

"METODO DE PROJETOS"

No Grupo "Lucio dos Santos" o professor Guerin Casasanta falou sobre o "Metodo de projetos".

Coibiu ao professor Guerin Casasanta, inspetor geral da Instrução, falar sobre o "metodo de projetos".

Em resumo, disse o orador que o metodo projeto, por essencia globalizadora, tem por fim não só enriquecer a experiencia infantil, pondo em jogo suas atividades, como também vitalizar a escola, abolindo a simples "transmissão de conhecimento", que não tem mais lugar nas novas diretrizes pedagógicas.

Porque o metodo projeto coloca a criança dentro da vida e a vida dentro da escola, segue-se que a socialização da criança constitue uma das mais benéficas resultantes do movimento renovador, já agora aceito e praticado em todos os paises civilizados.

A sua educação deixa de ser individualista para projetar-se em linha réta para a sociedade, de que é parte integrante.

Além disso, não se desenvolve apenas uma função intelectual do aluno: no metodo projeto são interessadas todas as suas atividades, porque tem á sua frente problemas a resolver e não lições a decorar.

No desenvolvimento e execução de um projeto, surgem questões relativas á geografia, á geometria, ás ciencias naturais, á gramatica, á historia, etc., etc. A criança busca informações nos livros, visita fabricas com pais e mestres, folheia revistas, observa, pesquisa, inquire, pondo, enfim, em atividade a atenção, o exame, a observação, o raciocínio, e tudo o mais que afirma uma individualidade.

O orador citou exemplos de projetos e mostrou que o metodo satisfaz magnificamente ás leis da predisposição, da satisfação, e do exercicio, que regem o ensino.

Depois de varias outras considerações, o prof. Guerin Casasanta salientou o papel do mestre na escola moderna, que é, em suma, ensinar para a vida, dentro da vida.

"DISCIPLINA ESCOLAR"

No Grupo "Flavio dos Santos" o professor Mauricio Murgel falou sobre "Disciplina escolar".

Antes de entrar no assunto da sua palestra, queria assinalar dois erros, que em geral cometemos.

O primeiro erro consiste em confiar demais em nossa experiencia pessoal. Como geralmente a nossa experiencia se realiza ao sabor das circunstancias, sem preocupação de vigilância, de controle, não podemos confiar exclusivamente em nossa experiencia pessoal. Por isso mesmo, temos necessidade absoluta de conhecer a experiencia alheia. Eis a razão por que se recomenda a leitura de bons livros.

O segundo erro, que em geral cometemos, consiste em julgar *a priori* as doutrinas. A consequência é que ou rejeitamos ou aceitamos logo, sem exame, passivamente, as doutrinas, as idéias, as opiniões alheias. De qualquer maneira, aceitando ou rejeitando logo uma doutrina, estamos errando. Rejeitando, porém, estamos cometendo um erro mais perigoso. O que aceita vai pôr em prática a doutrina e tem oportunidade para corrigir o erro, o que rejeita, nem sequer essa oportunidade lhe resta.

Relacionando essas considerações com o tema da sua palestra, referiu-se ao aparecimento daquêles dois erros em matéria de disciplina escolar, e neste caso, mais frequente a rejeição ou condenação *a priori* das doutrinas novas. Daí as poucas experiências que se fazem. E para provar que o receio não é fundado passou a citar exemplos de alguns casos que conhece, onde o sistema disciplinar moderno, apenas iniciado, foi logo coroado de êxito: No Granbery, de Juiz de Fora, sob a orientação do professor Irineu Guimarães, no grupo escolar noturno da mesma cidade, sob a direção da professora Elza Tristão e, finalmente, na Escola Normal Oficial desta Capital, sob a orientação do próprio relata. De cada uma dessas experiências citou casos concretos, bem sugestivos, capazes de adotar e recomendar o método adotado.

"AUDITORIOS"

No Grupo "Flavio dos Santos" a professora Maria Suzel de Padua falou sobre "Auditórios".

Começou a professora Maria Suzel de Padua por dizer que auditorio não é festa, é aula, e faz parte da vida da escola.

Deve estar, por isso, dentro do horário escolar. O professor deve

agir como guia e não como dominador, sugerir sem impôr ou tolher a espontaneidade. O preparo e a realização do auditorio deve influir no trabalho regular da escola, melhorando-o e despertando maior interesse.

O auditorio deve ser programa regular da professora, deve dar à escola caráter real de vida, facilitar aos alunos igualdade de oportunidades. Não são assim recomendáveis os que se realizam fora dos horários ou fora dos programas; condenam-se os que se limitam à representação de textos decorados, e não se admite seja a participação nêles privilégio de certos e determinados alunos.

Serão consideradas as aptidões particulares, e a escolha se fará na adequação dessas aptidões, mas ha de atender também às necessidades dos alunos.

Discorreu em seguida sobre os objetivos dos auditorios: praticar as qualidades de cidadão, interessar-se pelas disciplinas escolares, facilitar o conhecimento e a expansão da diferenças individuais, dar ocupação útil às horas vagas, cultivar o sentimento de lei e de ordem, crear amor pela escola.

Citou e comentou em seguida, ilustrando sempre os comentários com abundancia de exemplos, os valores que se tiram dos auditorios, os quais se resumem mais ou menos nestes: preparar o educando para a vida em sociedade. Aduziu ainda, com citações, comentários e exemplos, qualidades sociais e habilidades que o auditorio desenvolve.

Relacionando as considerações que fizera com a realidade de nosso meio, referiu-se às dificuldades com que lutam as nossas escolas para satisfazer o desideratum da realização dos auditorios. Sugeriu medidas que podem suprir as nossas deficiências e informou como, em meio de

grandes e quasi insuperáveis dificuldades, conseguiu introduzir nos Grupos "Erica da Sales" e "Caetano de Azeredo" a pratica dos auditorios semanais.

Terminou a sua palestra com estes conceitos: "O auditorio deve ser feito para e pela criança, visto como a criança é principio, meio e fim de todo processo educativo".

"CLUBES DE LEITURA"

No Grupo "Sandoval de Azeredo" a professora Anita Fonseca falou sobre "Clubes de leitura".

A professora Anita Fonseca começou a sua palestra expondo os novos objetivos da escola: melhorar a conduta do individuo, formando habitos bons e desenvolvendo qualidades que lhe serão uteis não só na sua vida de criança, mas ainda na sua vida de adulto. Frisou os novos encargos e as novas responsabilidades que cabem à escola na formação do caráter da criança.

Em seguida, passou a analisar os meios de que se serve a escola para formar habitos desejáveis, salientando, entre outros, o papel dos clubes de leitura. Mostrou como os habitos de responsabilidade, cooperação, iniciativa, bom julgamento, etc., podem ser adquiridos em virtude dessa instituição escolar. Assinalou outras vantagens dos clubes, como, por exemplo: o bom emprego das horas vagas, a descoberta das diferenças individuais, a motivação do estudo de outras materias do programa: a leitura, a lingua patria, a geografia, a historia, a aritmetica, o desenho, etc. Apresentou exemplos interessantes e documentação farta, colhida nos arquivos e nos registros dos proprios clubes em funcionamento em diversos grupos escolares. Examinou as causas que mais frequentemente podem determinar o fracasso ou o sucesso do clube: a

sua formação, a atitude da professora, a escolha dos dirigentes, etc.

Terminou salientando a responsabilidade da professora, o seu justo papel de guia, orientadora. Cabe-lhe encorajar, sugerir, estimular as boas iniciativas, ser, enfim, a animadora mais entusiasta do clube, afim de que êle viva e possa dar os resultados benéficos que dêle se podem esperar.

"METODO DE PROJETOS"

No Grupo "Tomaz Brandão" a professora Maria da Gloria Novaes falou sobre "Metodo de projetos".

Dando começo à sua palestra, a professora Maria da Gloria Novaes esboçou, em traços ligeiros, a origem do metodo de projetos e o seu aparecimento na escola.

Passou em seguida a analisar as vantagens do metodo, salientando, entre outras, como no projeto se relacionam as materias de ensino, sempre compreendidas nos projetos, mas entendidas e apresentadas de maneira bem diversa daquela como aparecem comumente nos programas de ensino. O projeto dá atividade para todos os interesses, desenvolve o espirito de cooperação, iniciativa e julgamento. O trabalho tem sempre um objetivo a alcançar e forma o habito do esforço. Dá ainda ensino para preocupar o menino pelo trabalho até mesmo fora da escola e corrige o individualismo egoista.

Prosseguiu na citação, analyse e discussão de algumas das principais objeções que se fazem ao metodo de projetos. Como mais ponderosas apresentava as que dizem respeito aos programas e horários — a dispersão das materias, a falta de oportunidade para exercicios. Mostrou como para quasi todas ha dentro do proprio metodo remedio possivel e adequado, não passando mesmo algu-

mas de méras suposições de perigos inexistentes. Citou exemplos de projetos levados a efeito com grande êxito e satisfação da classe. Análise nesses exemplos as atividades que motivaram e mostrou como se enquadravam bem aí o estudo da linguagem, da história, da geografia, do cálculo, sem que fosse preciso, para isso, ter traçado um programa com todas essas citações. Nesse ponto da palestra surgiram oportunas ilustrações fornecidas pelas professoras presentes, nas exemplificações que apresentavam.

Passou em seguida a palestrante a firmar o papel que cabe ao mestre na elaboração a realização de um projeto: auxiliar o menos possível e somente quando for necessário; sugerir, presidir à escolha, aproveitar os interesses e as situações reais, lembrar as fontes de informações, evitar as distorções prejudiciais.

Terminou apresentando normas e regras capazes de bem orientar as iniciativas e a prática na adoção do método.

"BIBLIOTECAS ESCOLARES"

Nos Grupos "Francisco Sales" e "Caetano de Azeredo" a professora Corinha Rocha falou sobre "Bibliotecas escolares".

Falando da organização das bibliotecas escolares, a palestrante começou por definir o papel do mestre. Nesta, como em qualquer outra iniciativa, sem o influxo benéfico do mestre, nada será feito.

Salientou como primeira dificuldade a falta de recursos para aquisição de livros e estudou outras dificuldades, como material e local para instalação das bibliotecas, pessoal que possa cuidar delas e orientar as crianças na escolha e procura de livros. Apresentou sugestões para resolver ou atenuar as várias dificuldades apontadas.

Referiu-se às finalidades das bibliotecas escolares, encarecendo, principalmente, as que visam formar o hábito da leitura e acostumar ao uso dos livros.

Discorrendo acerca das vantagens das bibliotecas, citou, entre outras, as que levam à escolha de bons autores, ao enriquecimento do vocabulário, correção de linguagem, desenvolvimento do pensamento, gosto artístico, etc.

Falou ainda das espécies de bibliotecas escolares: gerais e particulares; necessidades que atendem, modo de organização, escolha dos livros, registros, fichas, serviço de empréstimos. Controle do movimento, encargos especiais. Mostrou ainda a participação do Clube de leitura.

Os vários tópicos da palestra foram ilustrados com vários exemplos colhidos nos próprios grupos escolares.

"QUALIDADES DE UM BOM PROFESSOR"

No Grupo "Bernardo Monteiro" o professor Oscar Arthur Guimarães falou sobre as "Qualidades de um bom professor".

O professor Oscar Arthur Guimarães tomou para assunto de sua palestra "As qualidades de um bom professor".

Começou por focalizar a figura do professor. Mostrou como em todas as palestras o professor tinha sido objeto de preocupações. Falando-se dos métodos e processos de ensino, falando-se da organização da escola, das atividades escolares, falando-se das iniciativas de reforma, ocorre fatalmente lembrar a figura do professor, o papel que lhe está reservado, a sua atitude e a sua influência quasi decisiva no êxito ou no fracasso dos empreendimentos.

Passando em seguida a referir-se aos requisitos de um bom professor, disse que o professor ha-

de reunir uma série de qualidades e virtudes que o tornem capaz de realizar a sua missão. Citou os tres requisitos que se consideram essenciais: *Cultura geral, aptidão didática e boa personalidade*. Definiu em linhas gerais cada um desses requisitos, salientou-lhes a importância e frisou particularmente a significação do ultimo, que sobrepõe aos demais.

Estendendo-se em considerações sobre o requisito da personalidade, mostrou como neste, tomado em sentido amplo, se resumiram todos afinal. Catalogou uma série de qualidades particulares e especiais que concorrem para a formação da personalidade. Enumerou ainda uma série de dez qualidades selecionadas numa enquête a que se procedeu em Norte-América e consideradas indispensáveis a um bom professor. Apresentou a referida serie na ordem de classificação em importância que lhe fôra dada em virtude dessa mesma enquête, e que é a seguinte:

- 1.º) Tacto;
- 2.º) Aparência geral;
- 3.º) Otimismo;
- 4.º) Reserva ou dignidade;
- 5.º) Entusiasmo;

- 6.º) Beleza;
- 7.º) Sinceridade;
- 8.º) Simpatia;
- 9.º) Vitalidade;
- 10.º) Cultura.

Salientou bem a significação dessa ordem de classificação. Mostrou como em primeiro lugar figurava o *tacto*, de que tanto se descurava, e em ultimo, a *cultura*, considerada por muito gente a maior de todas. Lembrou que na obra da educação vai muito de coração, de alma e de finura de espirito, que a cultura só por si não pôde dar.

Estudou e analisou detalhadamente e com justeza de conceitos o *tacto*, o *otimismo* e a *vitalidade*. Nesse estudo teve o palestrante oportunidade de fazê-lo referir-se à nossa vida escolar. Ilustrou com exemplificações tiradas da vida real de nossa escola as manifestações dessas qualidades. Citou, ainda, com exemplos vivos e de constatação frequente, as faltas que contra os bons preceitos se cometem. E assim, contrapondo qualidades e defeitos, virtudes e pecados, ia focalizando e pintando em cores vivas os benefícios e malefícios que se produziam em efeitos na obra da educação.

ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO

INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

Instruções provisórias para fiscais permanentes de Escolas Normais equiparadas

Deve observar a Escola de cuja fiscalização está incumbida, sob os seguintes aspectos:

métodos de ensino, sistema disciplinar, atividades escolares, programas; provas (escritas ou orais), distribuição diária e semanal das aulas e do recreio; prédio e mobiliário escolar; sala de aula; laboratório e museus; campos para exercícios físicos, parque, etc.; dormitórios, refeitórios, cozinha, banheiros, etc., matriculas, frequência, transferências, etc.

A fiscalização deverá estender-se por 10 dias, no mínimo, em cada mês.

As visitas ao estabelecimento deverão ser frequentes e prolongadas, em horas diversas, sem aviso prévio, de modo a surpreenderem a Escola em seu funcionamento regular e normal.

Notas senões, serão feitas comentários e discutidos com os professores, em reuniões marcadas para tal fim.

Aos professores será conveniente que aconselhe a leitura de livros em que se explanem as questões em debate, trazendo eles, em reuniões posteriores, o resultado dessa leitura.

Deve dar, sempre que oportuno, aulas-modelo e promover inteligentemente

a organização de clubes e gremios de alcance educativo.

Escolas leturadas-vos que deveis agir com habilidade e tato, evitamos melindrar a quem quer que seja.

E para não esquecer que as idéas modernas em pedagogia vão muito ao arripio das idéas correntes entre nós, e, consequentemente, que não se ha de fazer bruscamente a substituição destas por aquelas.

Acesso porque, tratando-se de praticas e de idéas que não nos são muito familiares e de que não temos domínio completo por enquanto, é de todo ponto conveniente que sejamos prudentes na realização delas, caminhando passo a passo, errando-nos de todas as precauções necessárias, avançando com firmeza, mas sem precipitações, ao abrigo de surpresas desagradáveis e fracasso comprometedores.

Deveis enviar à Secretaria da Educação, trimestralmente, relatório detalhado e documentado da fiscalização exercida e, mensalmente, relatório resumido das principais ocorrências verificadas.

Não vos esqueçais de que a fiscalização deve visar apenas o aspecto tecnico da Escola, não podendo ser objeto de vossas cogitações a administração do estabelecimento, execução feita do que se refere à matrícula, a frequência, as transferências, etc., conforme ficou estabelecido acima.

SUGESTÕES

I — *Métodos de ensino.* — Qual dos métodos de ensino é usado em geral na Escola? — o verbal, o intuitivo ou o ativo? São aproveitados os centros de interesse? E aplicado o método de projetos? E quanto a metodologia experimental? Quais os característicos do ensino da matemática, da geografia, das ciências naturais, das línguas, etc.? Qual a reação das alunas a esse ensino? Interessam-se pelos assuntos e pelo trabalho? Prestam atenção espontaneamente? Os professores preparam previamente suas aulas? Que forma de plano adotam? As aulas de desenho e arte são correlacionadas com as aulas das demais cadeiras?

II — *Sistema disciplinar.* — Quais as idéas dominantes na Escola, no sistema da disciplina? Esta é baseada

na compressão da personalidade do aluno ou na expansão natural, mas controlada desta? Quais as penalidades mais usadas? Como são aplicadas? Quais os estímulos mais empregados? Qual a reação dos alunos ao regimen disciplinar? Os alunos tomam parte no governo da Escola? De que forma? Ha clubes de classe? Qual a função destes e como são escolhidos? Ha conselho de estudantes?

III — *Aktividades escolares.* — Quais as formas de atividade existentes? Ha clubes de leitura? Gremios musicais? Gremios literários? Gremios esportivos? Jornais? Associação teatral? Gremios de costura? Clubes de ciências? Como se criaram e como funcionam? Ha reuniões sociais? Como se planejam e como se realizam? As alunas é que se incumbem da ornamentação das salas e da Escola? Fazem-se excursões? Como são preparadas e realizadas? Como são aproveitadas? Como se planejam e se realizam os auditórios? Fazem os professores as conferencias regulares? Que attitude assumem os professores em face das atividades escolares das alunas enumeradas acima?

IV — *Provas (escritas e orais).* — Quais as provas usadas? As tradicionais ou os "tests"? Como são feitas as provas escritas? Quantas questões são propostas? Cada questão permite varias respostas ou uma só resposta certa? As respostas exigem desenvolturas que as completem? As questões abrangem toda a materia marcada para a prova? Como se julgam as provas? As provas, depois de examinadas pelo professor, são submetidas à consideração, ao exame e à discussão da classe? Que tempo é concedido aos alunos para a realização da prova? Ha possibilidade de "cola"? Como tenta o professor acabar com a "cola"? Fiscalizando as alunas, enumeradas acima?

V — *Laboratórios, museus, bibliotecas.* — São suficientemente completos os laboratórios da Escola? São muito frequentados pelas alunas? As alunas realizam experiencias frequentemente? Como se formaram os museus? As alunas colaboraram na formação destes? De que forma? Que uso se faz dos museus? São bem providas as bibliotecas do estabelecimento? Bem organizadas? Frequentadas pelos professores e alunas?

Origem:

DOAÇÃO

Preço: